

EXEMPLAR ÚNICO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXIX — Nº 27

TERÇA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1974

BRASÍLIA — DF.

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 45ª SESSÃO CONJUNTA, EM 22 DE ABRIL DE 1974

SESSÃO SOLENE DESTINADA A COMEMORAR O DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

2 — ATA DA 46ª SESSÃO CONJUNTA, EM 22 DE ABRIL DE 1974

2.1 — ABERTURA

2.2 — EXPEDIENTE

2.2.1 — Discursos do Expediente

DEPUTADO ANTÔNIO BRESOLIN — Necessidade de melhoria nos serviços da ECT.

DEPUTADO PEIXOTO FILHO — 91º aniversário de nascimento do ex-Presidente Getúlio Vargas.

DEPUTADO JUAREZ BERNARDES — 14º aniversário de fundação de Brasília.

DEPUTADO FLORIM COUTINHO — Excesso de contingente na circunscrição do I Exército. Contribuição dos batalhões do Exército na integração amazônica.

DEPUTADO LUIZ LOSSO — Participação dos soldados do III Exército na colheita do soja no Rio Grande do Sul.

2.3 — ORDEM DO DIA

— Projeto de Decreto Legislativo nº 17/74-CN, aprovando o texto do Decreto-lei nº 1.310, de 8 de fevereiro de 1974, que altera a legislação referente ao Fundo do Exército, e dá outras providências. **Aprovado**, à promulgação.

— Projeto de Decreto Legislativo nº 18/74-CN, aprovando o texto do Decreto-lei nº 1.299, de 28 de dezembro de 1973, que dispõe sobre acréscimo às alíquotas do Imposto de Importação, e dá outras providências. **Aprovado**, à promulgação.

2.4 — COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA

Convocação de sessão do Congresso Nacional a realizar-se amanhã, às 10 horas e 30 minutos, com Ordem do Dia que designa.

2.5 — ENCERRAMENTO

ATA DA 45ª SESSÃO CONJUNTA, EM 22 DE ABRIL DE 1974

4ª Sessão Legislativa Ordinária, da 7ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. PAULO TORRES

Às 15 horas, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Geraldo Mesquita — Flávio Britto — José Esteves — Cattete Pinheiro — Jarbas Passarinho — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Milet — José Sarney — Fausto Castelo-Branco — Petrônio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dinarte Mariz — Luís de Barros — Jessé Freire — Ruy Carneiro — Paulo Guerra — Wilson Campos — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Leandro Maciel — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Carlos Lindenberg — Eurico Rezende — Amaral Peixoto — Paulo Torres — Benjamim Farah — Danton Jobim — Gustavo Capanema — Magalhães Pinto — Emival Caiado — Fernando

Corrêa — Itálvio Coelho — Saldanha Derzi — Mattos Leão — Antônio Carlos — Celso Ramos — Daniel Krieger — Guido Mondin.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Joaquim Macêdo — ARENA; Nossier Almeida — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB.

EXEMPLAR ÚNICO

EXPEDIENTE	
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL	
<p>EVANDRO MENDES VIANNA Diretor-Geral do Senado Federal</p> <p>ARNALDO GOMES Diretor-Executivo</p> <p>PAULO AURÉLIO QUINTELLA Chefe da Divisão Administrativa</p> <p>ALCIDES JOSÉ KRONENBERGER Chefe da Divisão Industrial</p>	<p style="text-align: center;">DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL</p> <p style="text-align: center;">Seção II</p> <p style="text-align: center;">Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal</p> <p style="text-align: center;">ASSINATURAS</p> <p>Via Superfície:</p> <p>Semestre Cr\$ 100.00</p> <p>Ano Cr\$ 200.00</p> <p>Via Aérea:</p> <p>Semestre Cr\$ 200.00</p> <p>Ano Cr\$ 400.00</p> <p style="text-align: center;">(O preço do exemplar atrasado será acrescido de Cr\$ 0,30)</p> <p style="text-align: center;">Tiragem: 3 500 exemplares</p>

Pará

Américo Brasil — ARENA; Édison Bonna — ARENA; Júlio Viveiros — MDB.

Maranhão

Américo de Souza — ARENA; Eurico Ribeiro — ARENA; Freitas Diniz — MDB; Henrique de La Rocque — ARENA; João Castelo — ARENA; Nunes Freire — ARENA; Pires Saboia — ARENA.

Piauí

Correia Lima — ARENA; Dyrno Pires — ARENA; Heitor Cavalcanti — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA; Severo Eulálio — MDB.

Ceará

Álvaro Lins — MDB; Edilson Melo Távora — ARENA; Flávio Marcílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Jonas Carlos — ARENA; Josias Gomes — ARENA; Leão Sampaio — ARENA; Manoel Rodrigues — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Oziris Pontes — MDB; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Djalma Marinho — ARENA; Grimaldi Ribeiro — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; Pedro Lucena — MDB; Vingt Rosado — ARENA.

Paraíba

Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Cláudio Leite — ARENA; Janduhi Carneiro — MDB; Marcondes Gadelha — MDB; Petrônio Figueiredo — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Airon Rios — ARENA; Carlos Alberto Oliveira — ARENA; Etelvino Lins — ARENA; Fernando Lyra — MDB; Gonzaga Vasconcelos — ARENA; Joaquim Coutinho — ARENA; Josias Leite — ARENA; Lins e Silva — ARENA; Marco Maciel — ARENA; Marcos Freire — MDB; Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Geraldo Bulhões — ARENA; José Alves — ARENA; Oceano Carliat — ARENA; Vinicius Cansanção — MDB.

Sergipe

Eraldo Lemos — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Luiz Garcia — ARENA; Passos Pôrto — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA.

Bahia

Djalma Bessa — ARENA; Edvaldo Flôres — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Hanequim Dantas — ARENA; Ivo Braga — ARENA; João Alves — ARENA; João Borges — MDB; José Penedo — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Odolfo Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Theódulo de Albuquerque — ARENA; Tourinho Dantas — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espirito Santo

Dirceu Cardoso — MDB; Elcio Álvares — ARENA; José Carlos Fonsêca — ARENA; José Tasso de Andrade — ARENA; Oswaldo Zanello — ARENA; Parente Frota — ARENA.

Rio de Janeiro

Alair Ferreira — ARENA; Alberto Lavinias — MDB; Ário Theodoro — MDB; Brígido Tinoco — MDB; Dayl de Almeida — ARENA; Daso Coimbra — ARENA; Hamilton Xavier — MDB; José da Silva Barros — ARENA; José Haddad — ARENA; José Sally — ARENA; Luiz Braz — ARENA; Márcio Paes — ARENA; Moacir Chiesse — ARENA; Osmar Leitão — ARENA; Peixoto Filho — MDB; Rozendo de Souza — ARENA; Walter Silva — MDB.

Guanabara

Alcir Pimenta — MDB; Bezerra de Norões — MDB; Célio Borja — ARENA; Eurípedes Cardoso de Menezes — ARENA; Florim Coutinho — MDB; Francisco Studart — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Léo Simões — MDB; Lisâneas Maciel — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Miro Teixeira — MDB; Nina Ribeiro — ARENA; Osnelli Martinelli — ARENA; Pedro Faria — MDB; Reynaldo Santana — MDB; Rubem Medina — MDB.

Minas Gerais

Athos de Andrade — ARENA; Aureliano Chaves — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias Fortes — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Delson Scarano — ARENA; Fábio Fonseca — MDB; Fernando Fagundes Netto — ARENA; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Aguiar — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Guido — ARENA; Jorge Ferraz — MDB; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARENA; Manoel Taveira — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nogueira de Rezende — ARENA; Ozanan Coêlho — ARENA; Padre Nobre — MDB; Paulino Cicero — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Sílvio de Abreu — MDB; Sinval Boaventura — ARENA.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; Aldo Lupo — ARENA; Alfeu Gasparini — ARENA; Arthur Fonseca — ARENA; Athié Coury — MDB; Cantídio Sampaio — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Faria Lima — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Freitas Nobre — MDB; Henrique Turner — ARENA; Ildélio Martins — ARENA; José Camargo — MDB; Maurício Toledo — ARENA; Paulo Alberto — ARENA; Plínio Salgado — ARENA; Roberto Gebara — ARENA; Ruydalmeida Barbosa — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sílvio Lopes — ARENA; Sylvio Venturolli — ARENA; Sussumu Hirata — ARENA; Ulysses Guimaráes — MDB.

Goiás

Anapolino de Faria — MDB; Ary Valadão — ARENA; Brasília Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Henrique Fanstone — ARENA; Jarmund Nasser — ARENA; José Freire — MDB; Juarez Bernardes — MDB; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Emanuel Pinheiro — ARENA; Garcia Netto — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Marcílio Lima — ARENA; Ubaldo Barem — ARENA.

Paraná

Agostinho Rodrigues — ARENA; Alberto Costa — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Antônio Ueno — ARENA; Ary de Lima — ARENA; Arthur Santos — ARENA; Flávio Giovine — ARENA; Hermes Macêdo — ARENA; João Vargas — ARENA; Luiz Losso — ARENA (SE); Mário Stamm — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Túlio Vargas — ARENA.

Santa Catarina

Adhemar Ghisi — ARENA; Albino Zeni — ARENA; Aroldo Carvalho — ARENA; César Nascimento — MDB; Dib Cherem — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; Laerte Vieira — MDB; Pedro Colin — ARENA; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Célio Marques — ARENA; Daniel Faraco — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Getúlio Dias — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Mario Mondino — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Vasco Amaro — ARENA; Victor Issler — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Silvio Botelho — ARENA.

COMPÕEM A MESA, À DIREITA DO SR. PRESIDENTE PAULO TORRES, O SR. DEPUTADO FLÁVIO MARCÍLIO, PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS E OS SRS. SENADORES WALDEMAR ALCÂNTARA E HELVÍDIO NUNES; À ESQUERDA, OS SRS. SENADORES RUY SANTOS E RUY CARNEIRO.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Declaro aberta a sessão destinada a comemorar o "Dia da Comunidade Luso-brasileira".

Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Danton Jobim, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. DANTON JOBIM (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Ministro das Relações Exteriores, Srs. Representantes dos Ministros de Estado, Sr. Representante do Comandante da XI Região Militar, Sr. Ministro Conselheiro de Portugal, Srs. Representantes do Corpo Diplomático, Sr. Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Sr. Governador do Distrito Federal, autoridades presentes, Srs. Congressistas, Senhoras, Senhoritas e Senhores:

Há vinte anos, um de meus colegas mais ilustres na antiga Faculdade Nacional de Filosofia — o Professor Hélio Viana — falava-me de um de seus planos de trabalho que ele mais acariciava: o de escrever um alentado compêndio de nossa História, cujos primeiros capítulos haveriam de constituir consciencioso resumo da História Portuguesa, desde os seus primórdios.

Os fastos da formação nacional brasileira — acentuava o mestre — estiveram por mais de três séculos enleados na trama dos sucessos da metrópole europeia. Portugueses e seus descendentes aqui plantaram uma nação em cujo vigoroso tronco europeu souberam enxertar a contribuição de duas outras etnias, numa política deliberada visando a prevenir, no futuro o enquistamento de núcleos raciais. Para aqui trasladaram seus costumes, seu modo de ser, sua fé militante, seus forais e suas instituições de Direito privado. Aqui chegaram com o ânimo de ficar, dispostos a defender com reduzidos efetivos de guerra a inteireza dos territórios acrescidos aos domínios d'El Rei.

No que se refere, quando menos, a esses trezentos anos, insistia, pois, o meu saudoso amigo, nossas Histórias devem ser escritas paralelamente e interpretadas em conjunto.

Como isso haveria de ser lisonjeiro para nós! E que poderosa motivação a fim de que os nossos jovens compreendessem e aceitassem a idéia da Comunidade Luso-brasileira! Para que os brasileiros a sintam e a conscientizem, precisam aprender a amar, respeitar e admirar seus irmãos da outra riba do Atlântico.

Belo seria, por certo, começassem os nossos manuais de História Pátria pela epopéia da formação desse pequeno reino espremido contra o litoral atlântico, teimosamente livre e irredento, encravado nessas Espanhas que, dos Pirineus à Galiza, haveriam de ser dominadas por Castela e Aragão, num processo que cedo se iniciou e logo se provou irreversível. Quando percebem os lusos que não sobreviverão ao cerco tendo apenas por suporte uma agricultura medieval, de eiras que se aglomeram em torno de umas poucas povoações acasteladas, fecham os ouvidos à advertência grave do velho do Restelo na bela imprecação do Canto V:

"A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Oh! Maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho."

E eis que se despregam, audaciosos, da costa, num repto ao destino manifesto, invertendo os fados de uma pequena nação supostamente inviolável. Resolutos, virando a roda-do-leme, embicam as naus no rumo do sudoeste, inflam as velas aos novos ventos que começam a soprar de Sagres, e atiram-se, destemerosos, aos mares desconhecidos; esses "mares nunca dantes navegados", onde as quilhas das caravelas começam a escrever, para espanto do mundo, a saga das Descobertas.

Senhoras e Senhores, ao aceitar a responsabilidade de falar, nesta hora, em nome do Senado Federal, perguntei-me naturalmente a mim mesmo que se poderia trazer de novo a um tema tão constantemente repisado?

Já não bastaria, de certo, entoar loas às relações culturais, aos vínculos morais, às razões afetivas que nos devem unir aos portugueses, nem sobre as glórias de um passado de que também nos orgulhamos, pois é tão luso como nosso. Afinal, viemos da mesma origem e todos partilhamos da perene exaltação do Poema dos Poemas, esse hostiário da Língua e da História comuns, onde o gênio camoniano iluminou e interpretou, à luz de todo o saber de seu tempo, o ciclo épico da trajetória dos Lusíadas.

Peço, no entanto, a indulgência dos que me ouvem para recordar, ainda uma vez, o passado, embora recente e a História de ontem não será porventura aquela que menos conhecemos? — evocando a visita que nos fez um grande português — o Presidente Antônio José de Almeida, por ocasião do 1º centenário de nossa Independência.

Recebido no Congresso Nacional, aqui pronuncia de improviso um dos seus mais notáveis discursos.

Em substância, que vinha ele nos dizer?

Que não vinha felicitar o Brasil pela sua emancipação política, mas agradecer-lhe o ter-se feito independente na ocasião em que a realizou. E explicou-se, desenvolvendo a tese de que os portugueses, depois de terem criado mundos e realizado os mais gloriosos feitos, achavam-se então, esgotados pelo esforço sobre-humano, nas primeiras décadas de 1.800.

E indagava o Presidente da Nação irmã: " — Se o Brasil se não tivesse proclamado independente na hora em que o fez, que aconteceria, que seria dos senhores, que seria de nós? Que seria dos senhores, retalhados, sujeitos à cobiça de inimigos que lhes tomariam conta desta ou daquela parcela, deste ou daquele trato de terra? E que seria de nós, portugueses, que sem podermos nem devermos conservá-los sob a nossa tutela, tudo teríamos perdido aqui: a hospitalidade para os nossos compatriotas, a preservação das nossas tradições, a continuidade do poder de nossa raça, e mais do que isso: essa Língua admirável referia-se a esse primoroso idioma que falamos — que foi inspiração épica em Camões, que foi gemido flébil em Bernardes, que foi escultura de mármore em Antero de Quental, que é impulso magnânimo em Junqueiro, que foi sonho de amor em Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu; que foi a estupenda realização da poesia harmonizada com a liberdade e harmonizada a serviço da emancipação dos escravos neste surpreendente Castro Alves".

Sr. Presidente, Srs. Congressistas.

A Comunidade Luso-brasileira nasceu há muito, nasceu com a nossa própria Independência, a 13 de maio de 1825, com a Carta-Patente na qual as duas nações acordavam em que "os naturais do Reino de Portugal e seus domínios serão considerados, no Império, como brasileiros e os naturais do Império, no Reino de Portugal e seus domínios, como portugueses".

Desse dispositivo transitório, esgotados seus efeitos no tempo, dele ficou, quando menos, a memória, um generoso precedente histórico, que iria produzir, logo após a proclamação da primeira República, a naturalização tácita dos estrangeiros que aqui residiam a 15 de novembro de 1889.

Mas a igualdade entre portugueses e brasileiros continuou a ser um sonho, até que, a 7 de setembro de 1971, em Brasília, foi assinada a Convenção sobre a Igualdade de Direitos e Deveres entre Brasilei-

ros e Portugueses. Convenção que tem sua raiz no art. 199 da Constituição Brasileira, onde se estatui: "Ressalvado o disposto no parágrafo único, do art. 145, as pessoas naturais de nacionalidade portuguesa não sofrerão qualquer restrição em virtude da condição de nascimento, se admitida a reciprocidade em favor dos brasileiros".

Assim, um passo foi dado no sentido da igualdade entre cidadãos das duas nacionalidades. Com o tempo, ambas as partes irão polindo o instrumento, irão retirando as imperfeições que o enfeiam, pelo menos na sua regulamentação, para permitir que se torne mais fácil a realização, para qualquer português ou qualquer brasileiro, desse ideal de gozarem de uma dupla cidadania, aqui e além-mar.

Há muito que fazer em favor da estruturação efetiva da Comunidade mesmo no campo cultural. Inclusive no que se refere à defesa e à proteção da Língua — ora falada por cerca de 110 milhões de pessoas no mundo — ainda não fizemos tudo que devíamos. Até hoje não dispomos por exemplo de um Dicionário Oficial unificado da Língua, onde se registrassem o nosso opulento léxico comum e mais as peculiaridades do linguajar brasileiro e do linguajar português. Onde estão os lexicólogos, filólogos, etnologistas a cuidarem permanentemente desse projeto? Não mantemos em número suficiente nem professores nem escolas que, mantidos através de um acordo luso-brasileiro, dêem assistência ao ensino do idioma no estrangeiro.

Afinal temos ou não o maior interesse em colaborar com Portugal na maior expansão do vernáculo, formidável instrumento de ação econômica e política?

E já que falamos em influência política no mundo, lembremos que a Comunidade Luso-brasileira, se levada a sério e convenientemente organizada, pode converter-se numa ferramenta eficaz para dar ao nosso País uma nova dimensão, a projeção pluricontinental que lhe falta.

Em seu livro "Da Relação Luso-brasileira", o Professor Armando Gonçalves Pereira, acentuando as vantagens que extrairia Portugal da Comunidade, pergunta:

"Mas em que medida esta Comunidade pode ser útil e necessária, verdadeiramente profícua, ao Brasil?"

E ele próprio responde:

"A meu ver, a necessidade e a utilidade resultam do fato de a Comunidade poder dar ao Brasil a pluricontinentalidade e a universalidade de posições que lhe faltam".

Por outro lado, só dentro da Comunidade Luso-brasileira, como efetivo e ativo membro desse organismo, terá o Brasil qualidade e autoridade para atuar na África, no sentido de uma pacificação relativa de espíritos que abra caminho a uma solução justa e racional para a questão cujo desfecho e conseqüências muito nos preocupam como irmãos dos portugueses.

Em todo caso, não devemos intrometer-nos em assuntos que aos portugueses compete resolver.

Uma vez, há 11 anos, escrevi esta frase, que hoje subscreveria: "Qualquer que seja o destino de Angola e Moçambique, algo me diz que será feliz e honroso para Portugal". Tenho para mim que essa fórmula de paz terá de conciliar-se com o princípio da livre determinação dos povos.

"Províncias" como querem uns, "colônias" como clamam outros... Será que a nomenclatura realmente é o que conta, ou a realidade das coisas?

Império ou comunidade federada?

Não. Não desesperemos, não há porque desesperar do gênio lusitano, senhoras e senhores! Arnold Toynbee, lúcido mareante no oceano da História, homem que sabe ver em profundidade na noite do passado e enxerga nas névoas do futuro, cunhou este conceito para caracterizar a obra pluricontinental dos lusos, fundada no gênio diplomático e na capacidade criativa.

"Foi o primeiro dos impérios ultramarinos europeus. Agora é o último. Talvez venha a ser de novo o primeiro de um novo gênero". (Aplausos. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Daso Coimbra, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. DASO COIMBRA (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Ministro das Relações Exteriores, Sr. Ministro do Trabalho, Srs. Representantes dos Ministros de Estado, Sr. Ministro-Conselheiro da Embaixada de Portugal, Srs. Representantes do Corpo Diplomático, Srs. Representantes do Poder Judiciário, Sr. Governador do Distrito Federal, Autoridades Cíveis e Militares, Meus Senhores, Minhas Senhoras, Srs. Congressistas:

Sempre me pareceu de valioso conteúdo ético e científico a asserção de que a lei não deve criar o fato social, mas sim regulá-lo, com aquela prudência e aquele discernimento tão comuns àqueles que ilustraram a inteligência pela via fecunda da cultura.

Esta sessão solene, de que a generosidade do comando da Câmara dos Deputados me faz parte atuante, é a resultante de um diploma legal que corporificou, em lei escrita, uma verdade pré-existente: o acentuado espírito de fraternidade luso-brasileira que continua sendo aquela constante entre o descobridor e a descoberta.

E este sentimento profundo que une Portugal e Brasil se constitui tanto em orgulho da comunidade brasileira quanto da comunidade portuguesa.

Se Antônio José de Almeida, o vigoroso estadista que presidia os destinos de Portugal, pôde, em 1922, nas festas celebratórias do primeiro centenário de nossa Independência, e em pleno recinto da Câmara dos Deputados do Brasil, dizer que aqui estava para agradecer aos brasileiros o se terem tornado livres, para maior honra dos fatos portugueses, ainda agora, em recente sessão da Assembléia Nacional, em Lisboa, pude ouvir do Deputado Henrique Tenferro estas palavras, que aqui reproduzo emocionado.

"Nesta vetusta sala, vozes autorizadas enalteceram inúmeras vezes a amizade luso-brasileira, o que nunca é de mais realçar, pelo significado que ela traduz no conturbado mundo em que hoje vivemos, no qual Brasil e Portugal dão um permanente exemplo de vivência fraterna entre dois povos separados pelo vasto mar Atlântico, mas unidos por fortes elos cimentados pelas mesmas origens, pela mesma língua e pela inquebrantável fé no destino comum de suas pátrias."

Este dia, pois, o "Dia da Comunidade Luso-brasileira", que aqui concelebramos no Congresso Nacional todos os representantes do povo brasileiro, sem distinção de Partidos, é o ponto culminante, oficializado por lei, de um sentimento que nos acompanha diuturnamente e cujas origens já se perdem nos séculos decorridos.

Quem quer que busque o conhecimento da História dos povos e das nações, e aí mergulhado, dos pântanos às superfícies, não encontrará nenhum outro exemplo de tão continuada e tão acentuada harmonia, de tantos traços comuns, de tantas lutas e de tantos sofrimentos, de tanta compreensão e de tanto amor — da verdadeira comunidade espiritual que torna portugueses e brasileiros os únicos cidadãos do mundo que, podem mudar de terra e de continente sem trocar de Pátria.

Sempre me comoveu, e me entusiasmou — e serei sempre um entusiasmado e um comovido do fato! — o milagre maior que o Brasil deve à Portugal: nossa unidade territorial e política e o formoso idioma que é comum.

Foi o pequenino Portugal, na sua bravura indômita, que legou ao mundo este patrimônio soberbo de que somos, os brasileiros, os senhores conscientes, mas que não ignoramos que foi a perseverança lusitana que nos assegurou as bases inarredáveis sobre as quais vamos construindo a nossa grandeza.

O que pesa e sobreleva, no fato geral, é que conseguimos conquistar nossa maioria no cenário mundial sem esconder as origens da nossa civilização e com o mérito inalcançado por qualquer outro povo de fazermos de nossos maiores nossos irmãos e, fraternamente, alimentar esta amizade que cresce e avulta com o passar do tempo.

Muitas culturas e costumes os mais diversificados, outras raças e diferentes hábitos se fundiram para que, do todo, surgisse o Brasil moderno. Manchas louras da Europa ou trigueiras do Levante, amarelas do Oriente ou semitas do Sinai, vieram ocupar lugar junto dos índios acobreados, dos africanos retintos, dos portugueses de todos os tipos — e tudo foi assimilado, tudo incorporado, tudo aproveitado sem que o Brasil, na sua evolução e no seu caminhar para o futuro, perdesse qualquer dos traços dominantes que informam aquele mundo imenso de afinidades gerais que nos identificam, de continuo, com a pátria de nosso nascente.

A comunidade luso-brasileira, assim, não é uma criação de qualquer espírito bem intencionado! A comunidade luso-brasileira é um fato real, vivido, sentido e querido!

— No Parlamento do Brasil, como em Portugal, a lei criou a Comissão Especial Luso-brasileira. Sempre entendi, e não há por que mudar o meu entendimento, que tais órgãos não nasceram para a prática do lirismo nem para a louvação do platonismo.

Chega, e em definitivo, de palavras de boa-vontade e de boa-amizade e de boa vizinhança!

É urgente e é indispensável, é mesmo inadiável e premente, que se transformem relações platônicas em intercâmbio intenso!

Não se pode compreender, sem ofensa à razão, que uma comunidade tão fraterna, que ocupa milhões e milhões de quilômetros quadrados de terras soberanas, e que soma cifra superior a 130 milhões de seres humanos, em termos de intercâmbio material alcance índices tão inferiores em seu comércio qual aqueles que hoje existem.

Tenho horror de dizê-lo, mas a verdade é que apenas um por cento de todas as exportações portuguesas vêm ter ao Brasil; tenho pudor de revelar, mas a triste realidade é que apenas dois por cento da exportação global brasileira atinge o mercado de Portugal.

E a verdade material dos fatos é que o Brasil pode, e deve, suprir com centenas de artigos de sua pauta de produção e de exportação os mercados lusitanos; e menos verdade não é que Portugal pode, e deve, alimentar os mercados nacionais brasileiros com tudo aquilo que está apto a nos oferecer.

Aquilo que é urgente, para que se encontrem as soluções que os superiores interesses da comunidade luso-brasileira reclamam com aflição, é que o Brasil se conscientize do verdadeiro Portugal, ou seja, que não se atenha aos soçados conceitos líricos e poéticos do "jardim da Europa à beira-mar plantado".

Temos, os brasileiros, a imperiosa necessidade de ver Portugal tal como ele é, ou seja, o Portugal-Continental, na esquina meridional da Europa; o Portugal-Insular, de que Madeira e Açores são expoentes ilustres; o Portugal-Ultramarino, onde a presença dos portugueses se conta por mais de cinco séculos, sob o signo da ordem e do desenvolvimento daquelas regiões, onde não houve conquistas pelas armas e onde impera, secularmente, o espírito lusitano de dar, de amar e de congregar.

Falando perante os Deputados de Portugal, que tão carinhosamente me receberam em sua Assembléia Nacional, em janeiro último, não me pude conter que ali não dissesse o que aqui reproduzo com convicção:

"Estamos em crise. Crise especialmente de espírito. E a comunidade luso-brasileira, que domina hoje as mais importantes áreas do Atlântico Sul, tem sobre ela voltados os olhos do mundo.

Olhares de expectativa de uns, de boa vontade de outros e, porque não dizer, de despeito e de inveja de muitos."

E porque falasse a irmãos, no tempo e no espaço; e porque já me animava o desejo de trocar o pieguismo das frases platônicas pelo intercâmbio geral que tanto representa para o presente e para o futuro da comunidade luso-brasileira, naquela ocasião aduzi, com a convicção que me domina:

"Nós, brasileiros e portugueses, temos de buscar o aperfeiçoamento na pesquisa, não deixando estáticos os nossos conhecimentos, mas dinamizando-os, para a realidade de dar mais do que receber.

Estreitando nossas relações comerciais — com uma agressividade permanente — troquemos nossas experiências tecnológicas de uma forma mais atuante."

Portugal modelou, à sua imagem e semelhança, Estados portugueses em terras africanas, como os modelara, já, nas ilhas oceânicas. É este conjunto, cinco vezes centenário já, que constitui o verdadeiro Portugal: continental, insular e ultramarino.

Ninguém mais ignora, nos dias que correm, a presença de petróleo — abundante e qualificado — no Portugal ultramarino. Todos sabemos de outras riquezas, assim minerais, assim vegetais.

Escolas superiores disseminam a cultura em Angola e Moçambique, com desenvolvimento superior aos mais importantes países africanos. Ali está uma parcela importante do triplice e verdadeiro Portugal.

Ramo desenvolto de um tronco austero, o Brasil tornou-se, e nem podia ser de outra forma, ele mesmo um tronco poderoso, cujo desenvolvimento, na atualidade e ao influxo das novas idéias disseminadas e sustentadas pela Revolução de Março de 64, vai-se processando em termos de assombro universal.

O progresso brasileiro, em todos os seus termos e em todas as suas circunstâncias, está a exigir de todos nós, dirigentes e dirigidos, a presença permanente de um sadio espírito de luta e de competição, buscando mercados que nos abasteçam de nossas faltas e que nos adquiram tudo quanto pudermos lhes oferecer.

A velocidade das comunicações que tornaram o Mundo a aldeia global, e o progresso vertiginoso da tecnologia, impõem à civilização presente o dever de seguir o ritmo novo, sob pena de depreciação.

Brasil e Portugal — comunidade exemplar — não podem ficar à margem do processo histórico!

Relembremos, comovidos e gratos, nossas tradições comuns, partes de uma só História — brasileiros e portugueses. Festejemos as mesmas datas e até mesmo os mesmos Reis, e cantemos as mesmas canções dolentes do nosso folclore comum. Celebremos nossos ritos, mesmo os caseiros e os domésticos, e entoemos os mesmos salmos. Louvemos — de Camões a Guimarães Rosa — os que fixaram e os que renovaram a língua comum, esta última flor do Lácio, que não é nem inculta, como queria o poeta, e que é ainda mais bela do que antes proclamada.

Tudo justo! Tudo perfeito! Tudo admirável!

Mas — brasileiros e portugueses — não temos o direito de continuar sendo piegas e arcádicos, apenas arcádicos e apenas piegas. Que o sejamos, sim, que a ninguém faz mal este romantismo tão lírico quanto vetusto, timbre muito próprio da alma portuguesa que está rediviva no Brasil.

Mas, cultivando tradições e platonismos, tanta coisa em comum que nos torna verdadeiramente um de dois, saibamos marchar na cadência que as realidades vividas nos impõem e alcançar aquele novo estágio que é a solução prudente para tantos de nossos problemas.

Louvados sejam Portugal e Brasil, pois, que hoje entre galas e alegrias intensas, celebram o "Dia da Comunidade Luso-brasileira". E louvados sejam que concelebrem a efeméride com todas as realidades e todas as virtualidades de seus corações, cheios de amor pelo passado, pelas tradições, pelo muito que lhes é comum.

Mas, mais louvados sejam ainda Brasil e Portugal pela manutenção de tudo quanto tem inspirado, até aqui, a fraterna cordialidade que os interliga, assistida dos novos modelos que estão sendo insistentemente reclamados pelo nosso presente e pelo nosso futuro, ou seja, pela criação de um outro intercâmbio que, sem influir sobre os fundamentos sentimentais de nossa comunidade, desborde do platonismo merencório para o intercâmbio material, agressivo, insistente, constante e legítimo.

Sejamos — brasileiros e portugueses — os eternos irmãos e os eternos amigos, ligados pelo coração e pela inteligência.

Mas, sejamos, igualmente, participantes ativos e interessados nas realidades do mundo contemporâneo.

E, então, a comunidade luso-brasileira ganhará novos valores e outros valores, que a aumentarão e a abrilhantarão.

Sejamos, enfim, uma comunidade integral, e não apenas meia-comunidade.

Eis como vejo, e como entendo, a autêntica comunidade luso-brasileira, que daqui saúdo, feliz de fazê-lo e muito honrado em poder fazê-lo, em nome dos deputados brasileiros! (Muito bem! Muito bem! Palmas!)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Constitui para esta Presidência uma grande satisfação, e mesmo honra, proferir as palavras finais desta comemoração, em seu nome pessoal e no do Congresso Nacional.

Falar da Comunidade Luso-brasileira é remontar às origens e à formação étnica de nossa raça, que ocupa este vasto País escrevendo páginas de trabalho, continuidade na ação criadora, aos impulsos de uma renovação que não cessa, porque ela se inspira nos exemplos e na História que, ao longo dos séculos, Portugal e Brasil escrevem, para gáudio dos seus filhos e descortino cada vez maior do Novo Mundo.

Nunca o Brasil esquecerá as caravelas, audazes de aventura, de arrojo, de consciência e de visão dos horizontes do futuro, porque elas expressam e dão um sentido de construção do trabalho imenso dos portugueses que aqui vieram para implantar uma civilização e aqui ficaram, não para se beneficiarem, mas, ao contrário, para ajudarem na abertura dos caminhos da liberdade e da independência de uma Nação que vence os desafios e hoje desperta a admiração do mundo.

É certo que o Brasil surgiu de um amálgama étnico, mas precisamente dessa miscigenação resultou a predominância da colonização portuguesa, vencendo as competições, talvez mais poderosas de outros povos, e estendendo pelos anos os grandes e maravilhosos efeitos de uma organização destinada a conquistar, como ninguém mais o faria tão bem, as terras, os vales e as montanhas de nosso País.

Portugal e Brasil formam, por isso mesmo, uma Pátria comum, em cujos territórios, lusitanos e brasileiros se irmanam a um só sentimento de amor, de harmonia e de trabalho, ao calor dos mesmos direitos e deveres.

Com estas palavras a Presidência do Congresso Nacional associa-se às homenagens, justas e sinceras, que aqui prestamos hoje ao "Dia da Comunidade Luso-brasileira". (Muito bem! Muito bem! Aplausos prolongados.)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Agradeço a presença, nesta solenidade do Senhor Representante do Embaixador de Portugal, dos Senhores Ministros, dos Senhores Oficiais-Generais da Marinha, Exército e Aeronáutica e das demais autoridades civis e militares que aqui compareceram.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 15 horas e 55 minutos.)

ATA DA 46ª SESSÃO CONJUNTA, EM 22 DE ABRIL DE 1974

4ª Sessão Legislativa Ordinária, da 7ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. PAULO TORRES

Às 19 horas, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Geraldo Mesquita — Flávio Britto — José Esteves — Cattete Pinheiro — Jarbas Passarinho — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Milet — José Sarney — Fausto Castelo-Branco — Petrônio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dinarte Mariz — Luís de Barros — Jessé Freire — Ruy Carneiro — Paulo Guerra — Wilson Campos — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Leandro Maciel — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Carlos Lindenberg — Eurico Rezende — Amaral Peixoto — Paulo Torres — Benjamim Farah : Danton Jobim — Gustavo Capanema — Magalhães Pinto — Emival Caiado — Fernando Corrêa — Itálio Coelho — Saldanha Derzi — Mattos Leão — Antônio Carlos — Celso Ramos — Daniel Krieger — Guido Mondin.

EOS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Joaquim Macêdo — ARENA; Nossier Almeida — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB.

Pará

Américo Brasil — ARENA; Édison Bonna — ARENA; Júlio Viveiros — MDB.

Maranhão

Américo de Souza — ARENA; Eurico Ribeiro — ARENA; Freitas Diniz — MDB; Henrique de La Rocque — ARENA; João Castelo — ARENA; Nunes Freire — ARENA; Pires Saboia — ARENA.

Piauí

Cearia Lima — ARENA; Dyrno Pires — ARENA; Heitor Cavalcanti — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA; Severo Eulálio — MDB.

Ceará

Álvaro Lins — MDB; Edison Melo Távora — ARENA; Flávio Marcelino — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Jonas Carlos — ARENA; Josias Gomes — ARENA; Leão Sampaio — ARENA; Manoel Rodrigues — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Oziris Pontes — MDB; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Djalma Marinho — ARENA; Grimaldi Ribeiro — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; Pedro Lucena — MDB; Vingt Rosado — ARENA.

Paraíba

Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Cláudio Leite — ARENA; Janduhy Carneiro — MDB; Marcondes Gadelha — MDB; Petrônio Figueiredo — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Airon Rios — ARENA; Carlos Alberto Oliveira — ARENA; Etelvino Lins — ARENA; Fernando Lyra — MDB; Gonzaga Vasconcelos — ARENA; Joaquim Coutinho — ARENA; Josias Leite — ARENA; Lins e Silva — ARENA; Marco Maciel — ARENA; Marcos Freire — MDB; Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Geraldo Bulhões — ARENA; José Alves — ARENA; Oceano Carleial — ARENA; Vinicius Cansanção — MDB.

Sergipe

Eraldo Lemos — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Luiz Garcia — ARENA; Passos Pôrto — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA.

Bahia

Djalma Bessa — ARENA; Edvaldo Flôres — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Hannequim Dantas — ARENA; Ivo Braga — ARENA; João Alves — ARENA; João Borges — MDB; José Penedo — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Necy Novaes — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Odulfo Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Theódulo de Albuquerque — ARENA; Tourinho Dantas — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Dirceu Cardoso — MDB; Elcio Álvares — ARENA; José Carlos Fonsêca — ARENA; José Tasso de Andrade — ARENA; Oswaldo Zanello — ARENA; Parente Frota — ARENA.

Rio de Janeiro

Alair Ferreira — ARENA; Alberto Lavinas — MDB; Ário Theodoro — MDB; Brígido Tinoco — MDB; Dayl de Almeida — ARENA; Daso Coimbra — ARENA; Hamilton Xavier — MDB; José da Silva Barros — ARENA; José Haddad — ARENA; José Sally — ARENA; Luiz Braz — ARENA; Márcio Paes — ARENA; Moacir Chiesse — ARENA; Osmar Leitão — ARENA; Peixoto Filho — MDB; Rozendo de Souza — ARENA; Walter Silva — MDB.

Guanabara

Alcir Pimenta — MDB; Bezerra de Norões — MDB; Célio Borja — ARENA; Eurípedes Cardoso de Menezes — ARENA; Florim Coutinho — MDB; Francisco Studart — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Léo Simões — MDB; Lisâneas Maciel — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Miro Teixeira — MDB; Nina Ribeiro — ARENA; Osnelli Martinelli — ARENA; Pedro Faria — MDB; Reynaldo Santana — MDB; Rubem Medina — MDB.

Minas Gerais

Athos de Andrade — ARENA; Aureliano Chaves — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias Fortes — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Delson Scarano — ARENA; Fábio Fonsêca — MDB; Fernando Fagundes Netto — ARENA; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Aguiar — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Guido — ARENA; Jorge

Ferraz — MDB; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARENA; Manoel Taveira — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nogueira de Rezende — ARENA; Ozanan Coêlho — ARENA; Padre Nobre — MDB; Paulino Cicero — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Sílvio de Abreu — MDB; Sinval Boaventura — ARENA.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; Aldo Lupo — ARENA; Alfeu Gasparini — ARENA; Arthur Fonseca — ARENA; Athiê Coury — MDB; Cantídio Sampaio — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Faria Lima — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Freitas Nobre — MDB; Henrique Turner — ARENA; Ildélio Martins — ARENA; José Camargo — MDB; Maurício Toledo — ARENA; Paulo Alberto — ARENA; Plínio Salgado — ARENA; Roberto Gebara — ARENA; Ruydalmeida Barbosa — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sílvio Lopes — ARENA; Sylvio Venturolli — ARENA; Sussumu Hirata — ARENA; Ulysses Guimarães — MDB.

GoIás

Anapolino de Faria — MDB; Ary Valadão — ARENA; Brasília Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Henrique Fantone — ARENA; Jarmund Nasser — ARENA; José Freire — MDB; Juarez Bernardes — MDB; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Emanuel Pinheiro — ARENA; Garcia Netto — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Marcílio Lima — ARENA; Ubaldo Barem — ARENA.

Paraná

Agostinho Rodrigues — ARENA; Alberto Costa — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Antônio Ueno — ARENA; Ary de Lima — ARENA; Arthur Santos — ARENA; Flávio Giovine — ARENA; Hermes Macêdo — ARENA; João Vargas — ARENA; Luiz Losso — ARENA (SE); Mário Stamm — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Túlio Vargas — ARENA.

Santa Catarina

Adhemar Ghisi — ARENA; Albino Zeni — ARENA; Aroldo Carvalho — ARENA; Cesar Nascimento — MDB; Dib Cherem — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; Laerte Vieira — MDB; Pedro Colin — ARENA; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Célio Marques — ARENA; Daniel Faraco — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Getúlio Dias — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Mário Mondino — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Vasco Amaro — ARENA; Victor Issler — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rorônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Sílvio Botelho — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — As listas de presença acusam o comparecimento de 45 Srs. Senadores e 236 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Passando-se ao período destinado a breves comunicações, concedo a palavra ao nobre Deputado Antônio Bresolin, primeiro orador inscrito.

O SR. ANTÔNIO BRESOLIN (Pronuncia o seguinte discurso.)

— Sr. Presidente e Srs. Congressistas, os serviços postais e telegráficos nacionais, a despeito de melhoramentos introduzidos em alguns setores, muito deixam a desejar ainda. Não bastassem muitas agências fechadas, com graves prejuízos para a comunidade, tanto o serviço postal como o telegráfico estão longe de corresponder.

Há meses formulei críticas desta tribuna com relação a violação de pacotes. Dias mais tarde recebi uma carta da direção da ECT pedindo-me detalhes para poder apurar os responsáveis. Entre muitos outros que não registrei, aqui vão alguns, a título de colaboração, para que a ECT corrija essas faltas. Entre outros, no últimos dias, receberam pacotes violados: Em Palmeira das Missões — Pedro Scariote, que recebeu o pacote até com falta de documentos; na mesma cidade — Lília Lütz, por mais de uma vez. Em Passo Fundo foi o Sr. José da Silva Fernandes, que reside à Rua Bororós, 202 — Vila Schel, recebendo o pacote rasgado e com falta de correspondência.

Para que a direção da ECT tenha uma idéia de como funciona a entrega de correspondência, vou citar outro fato: uma carta que enviei desta cidade à Sra. Maria Luiza Muniz, residente em Porto Alegre, foi entregue à destinatária quatorze dias depois. Em muitas cidades pequenas, onde foram extintas as agências postais, as correspondências chegam quando dá no jeito... Entre muitas outras, basta lembrar Liberato Salzano, Rondinha, Colorado, Alecrim, Porto Lucena, Porto Xavier, São Paulo das Missões, Campinas das Missões, Cândido Godoi, Independência, Boa Vista do Buricá.

E o pior é que até telegramas não chegam ao seu destino e, quando chegam, às vezes, estão truncados, como aconteceu com um que enviei ao Dr. Aldo Pinto, de Palmeira das Missões. Cito, entre muitos, alguns telegramas que não chegaram ao seu destino: um para o Sr. Luciano Basso, industrialista, residente em Tupanciretã, RS; outro para a Srta. Lília Lütz, de Palmeira das Missões. É comum telegramas serem entregues com atraso de oito ou dez dias.

Sendo os Correios e Telégrafos um serviço do mais alto interesse nacional, faço este registro sem sentido de crítica. É uma colaboração honesta que levo à alta direção da ECT, com o objetivo de que este serviço, no novo Governo, receba os melhoramentos que há tanto tempo estão sendo reclamados. Antes de pensar na elevação das taxas postais e telegráficas, é preciso melhorar o serviço e pagar melhor os funcionários.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Peixoto Filho.

O SR. PEIXOTO FILHO (Pronuncia o seguinte discurso.)

— Sr. Presidente, Srs. Congressistas, com o decorrer do tempo, por força do egoísmo e da ingratidão de uma grande parcela de homens públicos em evidência, vai caindo no esquecimento a figura do ex-Presidente Getúlio Vargas, o saudoso estadista, que, a 19 último, se vivo fosse, teria completado 91 anos de idade.

Essa data histórica foi comemorada durante dezenas de anos em todos os rincões da Pátria, sob manifestações de apreço e gratidão, principalmente dos trabalhadores brasileiros.

Sr. Presidente, deixei de ocupar a tribuna sexta-feira última para sentir de perto o comportamento daqueles que foram, na vida pública, projetados pelo inesquecível estadista.

A decepção foi muito grande, quando assisti ao encerramento da Sessão da Câmara dos Deputados sem que, pelo menos, além de rápida manifestação de um colega gaúcho, fosse lembrada a data natalícia daquele que, em vida, tanto deu de si pelo bem comum, sob

os aplausos de ilustres parlamentares hoje omissos, tranqüilamente acomodados.

"É preciso que a alma do futuro entenda a do passado."

Getúlio Vargas encarnou uma força considerável na vida e na História do Brasil.

Força quase infalível, desde o sorriso perene que lhe iluminava o rosto no seu melhor gesto perante o povo, até as reações de extraordinária coragem física e moral, em face das crises dramáticas do Estado e da própria Nação.

O poder, que é, para muitos, a melancolia, a solidão e a primeira sombra do crepúsculo, operava nele de forma diferente, por força de sua privilegiada inteligência, a maravilhosa estação do seu incontestável gênio político.

Ressalte-se que o homem não reúne condições espirituais, para criar os acontecimentos à sua feição e à sua imagem entre os seus semelhantes, mas não se lhe pode negar uma responsabilidade criadora, em determinadas circunstâncias.

É possível, como ensina consagrado pensador francês, que o acontecimento lhe ultrapasse, às vezes, o fim imediato. Mesmo assim, não se conceberá a decretação da ausência do agente individual humano, no processo da história. Acresce dizer que, nesse processo, só os valores máximos são visíveis e audíveis. Os mediocres e acovardados naufragam no mar belo e terrível, porque não se adaptam aos acontecimentos, não têm o dom de prevê-los ou a energia para atravessá-los; ficam irremediavelmente perdidos.

Sr. Presidente, Getúlio Vargas possuía a alma de Chefe, tendo sob inspiração uma sabedoria suprema que "consiste em descobrir e fixar, na confusão dos fatos, as correntes profundas da vontade popular."

A predestinação do saudoso estadista está fundamentada nessa sabedoria suprema, patenteada na sua capacidade de agir como instrumento da inspiração coletiva.

Getúlio Vargas, nas palavras e nos atos, entre as inconstâncias da política e as traições humanas, conseguiu ser fiel a si mesmo.

A sua marcante personalidade de "homem diverso e igual, múltiplo e uno" caracteriza um destino sob cujo signo se alternam a tristeza, a glória, a beleza, a poesia, o heroísmo e a magnanimidade peculiares às vidas ilustres.

Sr. Presidente, as grandes realizações de Getúlio Vargas em favor do trabalhador; a sua destemida luta pela emancipação econômica do País, refletem o seu admirável espírito nacionalista, alimentado pela intuição, lucidez e fraternidade, o trinômio que solidificou a sua missão histórica.

Em 19 de abril de 1883, nascia no Rio Grande do Sul um homem que durante toda sua atribulada existência se identificou com o povo.

Sr. Presidente, já não é preciso dizer mais nada, para justificar minha presença nesta tribuna, a fim de reverenciar a memória de um dos maiores vultos de nossa nacionalidade que a história política ainda não tributou a merecida justiça.

Falo, também, em nome de milhões de trabalhadores que não podem exteriorizar o seu sentir.

Getúlio Vargas, presente!

Era o que tinha a dizer. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Juarez Bernardes.

O SR. JUAREZ BERNARDES (Pronuncia o seguinte discurso.)

— Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a idéia da interiorização da Capital do Brasil e a história de Brasília não têm segredos irrelatados. Uma e outra são sonho e realidade que todos conhecemos.

Mas a grande aspiração do Patriarca, que retornou de Portugal disposto a "montar casa" ao Brasil, no mais belo eufemismo político da sua época, embora aceita e incorporada pelos primeiros constituintes da República, num dispositivo que se tornou lugar comum em todas as nossas Constituições, só veio a se corporificar quando

dinamismo e audácia, antevisão do futuro e capacidade de luta se uniram numa só pessoa, e precisamente naquele compatriota assás ilustre que tinha a garra e a gana capazes de mover montanhas. E que tinha mais: tinha a posição de comando que lhe permitiria edificar, em cimento e ferro, o ideal tão longamente acalentado.

Festejamos com alegria cívica e com justificado ufanismo, a data aniversária de Brasília, hoje decididamente a verdadeira capital do País, centro de comando administrativo e político, fulcro de todas as decisões nacionais.

Todas as celebrações se efetivam, álares e grandiosas, mas existe — e quanto o lamento! — uma lacuna que não devera existir.

Esquecem-se, os poderosos ocasionais, do velho ensinamento bíblico, ou seja, os alqueires jamais ocultarão a luz das candeias.

Faltou ao maior brilho e à maior pureza das festas que assinalaram o 14º aniversário de Brasília a presença daquele que realizou a obra ciclópica de transformar uma quimea em fulgurante realidade. Faltou ao sucesso maior de todas as comemorações a presença do homem que fez de um grão de mostarda um monumento nacional. Faltou a presença dignificante de Juscelino Kubitschek!

É preciso dizer, e repetir, e dizer novamente, e proclamar sem temores e sem constrangimentos que na figura do ex-Presidente se contém, de corpo inteiro, um patriota e um estadista.

Clama aos céus tal injustiça de, sequer, admiti-lo subversivo, contestador, corrupto ou líder de movimentos de guerra psicológica. Juscelino Kubitschek pertence ao grande patrimônio cívico-político do Brasil. O grande mineiro honra a espécie humana.

É imperioso que, pelo menos ao fim de tanto tempo, se reveja o ato revolucionário que o excluiu da vida pública. A Revolução só se engrandeceria de restituir a Juscelino Kubitschek o que nunca lhe houvera ter retirado. Seria um grande gesto que o primeiro sinal de reabertura democrática fosse a reintegração do ilustre filho das Alterosas na vida pública do País.

Sei que, pelo Brasil afora, são milhões os que admiram e sinceramente apreciam o grande realizador. Mas nós, os goianos, que nos vimos privados da honra de vê-lo, no Senado da República, falar em nosso nome, reivindicamos o primeiro lugar entre os seus admiradores.

Reincorporado à vida pública, por um gesto de grandeza revolucionária, Juscelino Kubitschek seria, fatalmente, devolvido ao Senado Federal, pois ali o conduziria a livre vontade do povo goiano, certo de que o mineiro estupendo seria o seu grande advogado, de Goiás e do Brasil.

Eram estes os sentimentos, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, que eu não podia, nem queria calar, nesta antevéspera dos festejos nacionais pela obra imorredoura de Juscelino Kubitschek. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Florim Coutinho.

O SR. FLORIM COUTINHO (Pronuncia o seguinte discurso.)

— Sr. Presidente, Srs. Congressistas, foram criados na Amazônia, ao longo da Transamazônica, vários Batalhões de Infantaria da Selva.

Como sempre, nada de original: já existem essas unidades em vários países onde há selvas, como aqui mesmo na América do Sul, nas vizinhanças da Amazônia, e a famigerada Divisão Siliwangi lá na Indonésia.

Mas, em todo o caso, uma boa idéia, muito oportuna e que vem tarde, aliás, embora se leve em conta que só agora foram criadas condições para a instalação dessas unidades, antes bem difícil.

É inegável a importância e o valor que representa a presença das nossas tropas federais naquela região, e isto não é preciso encarecer: estratégica, tática, cívico-social, policial e outras.

O certo é que cerca de 54 Btls. Inf. da Selva estão previstos para cobrir a área e alguns deles já estão instalados, por escalões avançados, e um dispositivo de apoio logístico também está planejado, além da participação de outras F. Armadas, em "Operações conjuntas"

(aliás operações combinadas, porque operação conjunta é coisa bem diferente e tomara que não precisemos delas por lá, pelo menos).

De qualquer modo, é digna de louvor a idéia de cobrir, planejada e adequadamente, o nosso vasto território, colocando as nossas F. Armadas onde mais são necessárias mediante dispositivos que obedecem a um Plano de Conjunto.

Isto é um imperativo da Defesa e da Segurança Nacional.

Mas não só no interior longínquo isto deve acontecer.

Desejo lembrar, a propósito, o caso da Guanabara, onde uma grande guarnição do Exército está estacionada.

Praticamente, a força principal do I Exército está lá e nas vizinhanças imediatas.

Acho que o I Exército deveria ocupar mais efetivamente a área sob sua jurisdição, transferindo várias unidades para outros Estados, como Minas Gerais, Estado do Rio e Espírito Santo, onde há condições para sua instalação e sua presença é de alto valor como sempre.

Há Exército demais na GB, espremido, constrangido em seu exíguo território, densamente humanizado.

Lutando com dificuldades para sua instrução, inclusive exercícios no terreno (manobra) e outras coisas.

Os pára-quedistas, por exemplo, deveriam estar em outra região, talvez mesmo aqui em Brasília.

Tropa especializada, extremamente versátil, deve estar em local que permita o seu emprego rápido e quase imediato em qualquer ponto ou região ao alcance dos seus meios de deslocamento (aviões, no caso).

Não se justifica essa Tropa na GB, de modo algum, a não ser que seja para emprego como tropa terrestre, da Infantaria e seus apoios.

Acho que também seria uma boa idéia disseminar mais as Forças do I Exército pela área que lhe cabe.

Com menos tropas do Exército até que pode ser que a PM passe a funcionar melhor, mesmo porque está hoje sob um comando bem mais esclarecido do que o anterior, que prendia o PM nos quartéis, treinando e estudando Guerra Revolucionária, enquanto os criminosos ficavam com pista livre para operar despreocupadamente, com a segurança e a tranquilidade que deviam pertencer à população.

Era o que tinha a dizer (**Muito bem!**)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Luiz Losso.

O SR. LUIZ LOSSO (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, nesta oportunidade queremos focalizar e registrar dois fatos, que, no final, encerram um único sentido, mas sobre os quais não poderíamos deixar de nos manifestar.

O primeiro, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, é a abertura, em Brasília, da 5ª Olimpíada do nosso Exército Nacional, integrando também atletas civis.

A belíssima abertura merece destaque, espetáculo que vale a pena ser visto. Oxalá se repita.

Ali se viu a disciplina e a ordem com que cada número foi apresentado. Os mil atletas masculinos e as mil e duzentas universitárias, com a cadência e movimentos harmônicos, deram ao público e à Nação um exemplo inédito, com elegância de ritmo, e pela confraternização do povo com o Exército, o que foi muito aplaudido.

Apresentamos, pois, nossos sinceros cumprimentos a S. Ex.^a, o digno Presidente da República, General Ernesto Geisel, que prestígiou tão belo acontecimento com sua presença. Com o ministro do Exército, General Dale Coutinho congratulo-me por proporcionar aos brasileiros tal espetáculo, aliás assistido por todo o País, através da rede de televisão, bem como os Generais Comandantes do I, II, III e IV Exércitos, dos Comandos do Amazonas e do Planalto, e com os atletas civis, e com quantos nos ofereceram tão maravilhoso espetáculo. Nossos agradecimentos — porque o Brasil é nosso, onde somos todos por um e um por todos — por este espírito de hu-

manidade, para que o povo seja mais feliz, forte e sadio, para a grandeza do País.

O segundo fato, Sr. Presidente, refere-se à autorização do Exmo. Sr. Presidente Ernesto Geisel, para que soldados do III Exército Nacional, sediados no Rio Grande do Sul, por pedido encaminhado pelo Exmo. General Carneiro da Cunha do Estado Maior, atendendo à solicitação do Exmo. Sr. Prefeito de São Gabriel, Dr. Erasmo Chappetta, sejam utilizados nas colheitas do trigo, soja, arroz e sorgo, tendo em vista a escassez de mão-de-obra na região.

Isto, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, vai muito além de um registro comum. Trata-se, sim, de medida de real sentido patriótico, visando à verdadeira união do povo e Exército — por um Brasil grande e forte. É uma satisfação se ver isto. Embora todos sejamos soldados do Brasil, ainda que, como nós tivéssemos prestado aquele dever como simples, e dos mais simples, soldado, hoje, na vida civil, reconhecemos que não há distinção entre povo e Exército; somos indivisíveis. Há entre os militares homens instruídos não só na arte militar, mas preparados para os mais diversos misteres, técnicos, professores, médicos, cientistas e advogados.

Porém, não param aí, tão só, os gestos de solidariedade das nossas Forças Armadas.

Entre muitos fatos, apenas apontaremos os mais recentes.

Ainda está na lembrança o caso de Tubarão, Estado de Santa Catarina, quando, os nossos irmãos de São Paulo, do Paraná e de outros Estados da Federação — aliás até do estrangeiro — as Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — todos solidários, participaram e estão participando na recuperação daquela cidade e do auxílio à sua população.

Sim, as Forças Armadas não só são as sentinelas avançadas de nossas defesas, mas também uma garantia de auxílio imediato, quando os nossos irmãos dele necessitam.

São elas que abrem caminhos pelas matas, estabelecem campos de pouso, singram as nossas costas e nossos rios, prestando nos mais longínquos rincões da Pátria os mais assinalados serviços. Mantendo a ordem, a unidade e o respeito, eleva ainda mais as qualidades inerentes de um povo brasileiro, hoje, mercê de Deus, plenamente consciente de sua responsabilidade perante o mundo, sem, no entanto, menosprezar quem quer que seja, pronto a receber a tantos quantos, bem intencionados, aqui aportem com o desejo de trabalhar para o bem geral do País.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, não nos seria possível enumerar tantos e tantos feitos gloriosos de nosso povo e das Forças Armadas. Dispomos de curto espaço de tempo, quando livros e livros seriam necessários para se dizer um pouco da nossa História. Mas, de qualquer sorte, desejamos registrar, ainda que de leve, esses grandiosos fatos, a fim de que se saiba ao menos um pouco do que se está fazendo pelo portentoso Brasil.

Queremos expressar, mais uma vez, nossos votos de felicidades pessoais ao Exmo. Sr. Presidente da República — General Ernesto Geisel —, ao Ministro do Exército — General Dale Coutinho —, ao Ministro da Marinha, Almirante Azevedo Henning —, e ao Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Araripe Macedo, pelo muito que estão fazendo pelo povo brasileiro e pelo Brasil grande.

Era o que tinha a dizer (**Muito bem!**)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Não há mais oradores inscritos para breves comunicações.

Passa-se à

ORDEM DO DIA

Item 1:

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 17, de 1974 — CN (apresentado pela Comissão Mista como conclusão de seu Parecer nº 17/74 — CN), apro-

vando o texto do Decreto-lei nº 1.310, de 8 de fevereiro de 1974, que altera a legislação referente ao Fundo do Exército, e dá outras providências.

Em discussão o projeto. **(Pausa.)**

Não havendo quem queira discuti-lo, declaro-a encerrada.

Em votação.

Os Srs. Deputados que aprovam o projeto queiram permanecer sentados. **(Pausa.)**

Aprovado.

Os Srs. Senadores que aprovam o projeto permaneçam sentados. **(Pausa.)**

Aprovado.

Aprovado o projeto de decreto legislativo na Câmara e no Senado e dispensada a redação final, nos termos regimentais, a matéria vai à promulgação.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres)

Item 2

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 18, de 1974 — CN (apresentado pela Comissão Mista como conclusão de seu Parecer nº 18/74 — CN), aprovando o texto do Decreto-lei nº 1.299, de 28 de dezembro de

1973, que dispõe sobre acréscimo às alíquotas do Imposto de Importação, e dá outras providências.

Em discussão.

Se nenhum dos Srs. Parlamentares desejar discutir o projeto, encerrarei a discussão. **(Pausa.)**

Encerrada.

Em votação o projeto.

Os Srs. Deputados que o aprovam queiram permanecer sentados. **(Pausa.)**

Aprovado.

Os Srs. Senadores que o aprovam permaneçam sentados. **(Pausa.)**

Aprovado.

Aprovado o projeto de decreto legislativo na Câmara e no Senado e dispensada a redação final, nos termos regimentais, a matéria vai à promulgação.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Torres) — Esta presidência convida sessão do Congresso Nacional, a realizar-se amanhã, dia 23, às 10:30 horas, neste Plenário, destinada à discussão e votação dos Projetos de Decreto Legislativo: nºs 19 e 20/74, que aprovam os textos dos Decretos-leis nºs. 1.303 e 1.300, de 1973.

Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 19 horas e 40 minutos.)

ANAIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967

OS ANAIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967, obra elaborada pela **Subsecretaria de Edições Técnicas** (antiga Diretoria de Informação Legislativa), e impressa pelo **Centro Gráfico do Senado Federal**, compreendem 7 volumes em feição inteiramente nova, diversa do estilo tradicional de Anais.

Ao quadro comparativo (Projeto de Constituição de 1967 — Constituição de 1964 — Emendas Constitucionais e Atos Institucionais) distribuído aos Senhores Congressistas no início da discussão e votação da nova Constituição, seguem-se, agora, os demais volumes dos Anais.

1º VOLUME: Edição 1967 — 420 págs. — Preço: Cr\$ 6,00. Antecedentes da Constituição através do noticiário da imprensa.

Neste volume são divulgadas as principais manifestações da imprensa brasileira, no decorrer do ano de 1966, em editoriais, crônicas, entrevistas e reportagens, abordando a reforma constitucional desde a indicação da Comissão de Juristas; o texto do Anteprojeto da Comissão de Juristas; as divergências ocorridas entre os membros daquela Comissão; as manifestações de Congressistas e constitucionalistas face ao problema da outorga, eleição de uma Assembléia Constituinte ou ato convocatório do atual Congresso; o papel desempenhado pelos Presidentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Senador Moura Andrade e Deputado Aducto Lúcio Cardoso, em defesa da independência e soberania do Poder Legislativo, críticas e sugestões ao Projeto de Constituição e análise dos Capítulos do Projeto originário do Executivo e remetido ao Congresso em 12 de dezembro de 1966.

2º VOLUME: Edição 1967 — 432 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Primeira fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional — Discussão e votação do Projeto.

Este volume contém os pronunciamentos dos parlamentares nas 18 sessões conjuntas realizadas de 12 a 21 de dezembro de 1966 para discussão e votação do Projeto de Constituição.

Focaliza as manifestações referentes à matéria constitucional, fornecendo, para facilitar as pesquisas, índices de sessões, autores (de discursos, apartes, declarações de voto e questões de ordem) — com pequeno resumo dos temas abordados — e ainda um índice de assuntos.

3º VOLUME: Edição 1968 — 202 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Discursos pronunciados em sessões do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

Discursos pronunciados antes do envio do Projeto da nova Constituição ao Congresso Nacional, assim como aqueles referentes ao período da convocação extraordinária do Congresso, com uma cobertura completa dos trabalhos constitucionais, a partir de 29-11-66 até 11-1-67.

4º VOLUME: Edição 1968 — 1.192 págs. (2 tomos) — Preço: Cr\$ 20,00. Num total de 945 págs. Segunda fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional.

Discussão e votação das emendas. Contém os pronunciamentos ocorridos nas sessões conjuntas realizadas de 5 a 24 de janeiro de 1967 para discussão e votação das emendas ao Projeto e promulgação da nova Constituição.

5º VOLUME: Edição 1969 — 746 págs. — Preço: Cr\$ 10,00. Comissão Mista.

Contém as reuniões realizadas pela Comissão Mista encarregada de emitir parecer sobre o Projeto de Constituição e as emendas que lhe foram oferecidas.

6º VOLUME: Edição 1969 — 1.076 págs. (2 tomos) — Preço: Cr\$ 20,00. Emendas oferecidas ao Projeto de Constituição.

Este volume apresenta cada emenda com a respectiva justificação e sua tramitação detalhada: pareceres (dos Sub-Relatores, do Relator-Geral e da Comissão Mista), requerimentos (destaque, preferência, votação conjunta) e votação. É feita a remissão ao 4º volume da obra, com indicação nas páginas.

7º VOLUME: Edição 1970 — Quadro Comparativo.

Constituição de 1967 projeto originário do Poder Executivo — Emendas aprovadas, artigo por artigo. Volume com 282 páginas. Preço: Cr\$ 8,00.

Os pedidos devem ser endereçados à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL
ANEXO I — 11º ANDAR — 70.000 — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — BRASÍLIA — DF

DIRETRIZES E BASES PARA O ENSINO

**OBRA ELABORADA E REVISADA PELA
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL**

Dois Volumes com 638 páginas

HISTÓRICO DA LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971

PREÇO DE VENDA DOS DOIS VOLUMES — CR\$ 30,00

**Os pedidos devem ser endereçados à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL
ANEXO I — 11º ANDAR — 70.000 — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — BRASÍLIA — DF**

REFORMA AGRÁRIA

EDIÇÃO DE 1969

**(OBRA ELABORADA E REVISADA PELA
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS)**

Três volumes com 1.115 páginas

Legislação brasileira de reforma agrária, política agrícola e desenvolvimento regional, contendo:

- textos integrais dos diplomas legais, a partir da Lei nº 4.214/63 (“Estatuto do Trabalhador Rural”);
- alterações, regulamentações e remissões da legislação transcrita;
- ementário da legislação correlata;
- histórico das leis (tramitação completa e detalhada no Congresso Nacional);
- marginália (pareceres, regimentos, portarias, etc.);

A obra contém um índice cronológico da legislação e um índice por assunto de toda a matéria, com a citação de artigos, parágrafos, itens e alíneas.

PREÇO DOS TRÊS VOLUMES — Cr\$ 30,00

OBRA IMPRESSA PELO CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

**Os pedidos devem ser endereçados à
Subsecretaria de Edições Técnicas — Senado Federal
Anexo I — 11º andar — 70.000 — Praça dos Três Poderes — Brasília — DF**

NOVO CÓDIGO PENAL

A Revista de Informação Legislativa, editada pela Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal, divulga, em seu número 24, uma Seção destinada ao novo Código Penal, com 420 páginas, contendo:

1ª PARTE: Anteprojeto do Ministro Nelson Hungria — Exposição de Motivos do Ministro Francisco Campos (Código Penal de 1940); — Exposição de Motivos do Ministro Gama e Silva (Código Penal de 1969).

2ª PARTE: Quadro Comparativo — Decreto-Lei nº 1.004, de 21-10-69, Decreto-Lei nº 2.848, de 7-12-40, e Legislação Correlata.

PREÇO: Cr\$ 15,00

Os pedidos devem ser endereçados à

**SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL
ANEXO — 11º ANDAR — 70.000 — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — BRASÍLIA — D.F.**

O CONGRESSO NACIONAL E O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

HISTÓRICO DA LEI COMPLEMENTAR Nº 7, DE 7-9-70

Volume com 356 páginas — Preço: Cr\$ 10,00

**TRABALHO ELABORADO E REVISADO PELA
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL**

Os pedidos devem ser endereçados à

**SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL
ANEXO I — 11º ANDAR — 70.000 — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — BRASÍLIA — DF.**

REGIMENTO INTERNO DO TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO

1972 — Cr\$ 10,00

ANAIIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967

OBRA ELABORADA PELA
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS
(antiga DIRETORIA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA)
COMPREENDEM 7 VOLUMES — PREÇO — Cr\$ 74,00

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

QUADRO COMPARATIVO — PREÇO — Cr\$ 8,00

DIRETRIZES E BASES PARA O ENSINO — TOMOS I e II

LEI Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971
Preço — Cr\$ 30,00

REFORMA AGRÁRIA — TRÊS VOLUMES

PREÇO DOS TRÊS VOLUMES — Cr\$ 30,00

REGIMENTO INTERNO E TABELA DE CUSTAS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL COM ÍNDICE E LEGISLAÇÃO CITADA

VOLUME COM 104 PÁGINAS — PREÇO Cr\$ 5,00

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS

PREÇO DESTA EXEMPLAR: Cr\$ 0,90